

PONTO DE VISTA

# Deixem Chico Mendes em paz

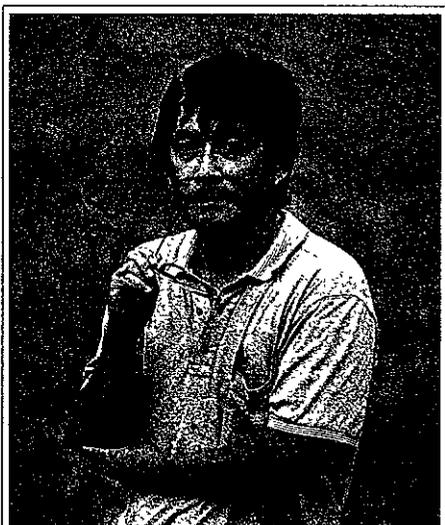
Por Alfredo Homma

No último dia 12 o mundo inteiro voltou novamente as suas antenas para a Amazônia atraído pelo julgamento dos acusados pela morte do líder dos seringueiros Chico Mendes, cujo assassinato emocionou a todos. Uma caravana de artistas, ecologistas, políticos e jornalistas aterrissou em Xapuri, um lugarejo do qual nem mesmo os brasileiros tinham ouvido falar antes da tragédia, para exigir justiça e, de quebra, a salvação da floresta. Teve até transmissão de TV ao vivo para o exterior. Fico um pouco feliz em saber que pelo menos um dos mais de 300 líderes rurais mortos no Brasil nos últimos anos mereça tanta atenção. Mas acho que está havendo uma grande salada entre problemas de justiça, terra e ecologia. E estou bastante preocupado com a difusão do mito Chico Mendes porque está servindo para alimentar uma perigosa utopia ecológica — a do extrativismo como o melhor modelo de desenvolvimento da Amazônia, com a criação de reservas extrativistas, onde os chamados povos das florestas viveriam o seu “nirvana”.

Lamento dizer que isso é pura ilusão, após anos de estudo sobre a extração de recursos naturais renováveis na região. O extrativismo é um retrocesso e só prospera junto a uma mão-de-obra que vive à margem dos avanços tecnológicos. Apesar da queixa dos ecologistas, tenho comparado o modelo extrativista a um carro velho, que não resistirá por muito tempo, mesmo que todas as peças sejam trocadas. O extrativismo da seringueira caminha para a extinção, e o Brasil vai se arrepender de ter investido tanto num carro velho para tentar vencer o prêmio mundial de ecologia.

Muitos seguidores de Chico Mendes embarcaram nesse carro velho para uma longa viagem na máquina do tempo. Voltaram à primeira atividade que o homem conheceu desde o seu aparecimento na Terra. Se os ecologistas tivessem percorrido toda a História da evolução humana, teriam visto que mais de 3 000 espécies vegetais já foram domesticadas para atender ao aumento do consumo. Teriam descoberto, também, que o ciclo da borracha acabou porque um súdito da coroa britânica levou sementes da seringueira para fazer plantios racionais na Malásia. E o Brasil, hoje, é obrigado a importar essa matéria-prima.

O interesse exagerado em torno de Chico Mendes e do extrativismo confunde a opinião pública, a política sobre o futuro da Amazônia e serve como cortina de fumaça para esconder os graves problemas ambientais que o país e o mundo precisam resolver. Problemas graves que estão localizados nas grandes cidades e nos centros industrializados, e não na floresta. Mas a causa dos seringueiros despertou enorme



**“O extrativismo como modelo de desenvolvimento é uma utopia perigosa”**

PAULO JAMES

simpatia após a morte de Chico Mendes, e agora tem-se a impressão de que eles são as únicas vítimas da Amazônia. Há todo um contingente de pequenos agricultores, dez vezes superior aos 55 000 seringueiros, entregues à própria sorte, enquanto todas as atenções e recursos são voltados para a causa extrativista. Enquanto os ecologistas fazem suas manifestações, os próprios seringueiros já começam a entender ser inviável viver só da seringueira. Pensam em desenvolver, também, atividades agrícolas, e isso poderá levar a uma “reserva extrativista sem extrativismo”.

Em vez de buscar bases científicas, o movimento ecológico internacional aproveita esse momento emocional do julgamento para sedimentar suas propostas. Em seminários, no Banco Mundial, junto a governos estrangeiros e no Brasil mesmo, eles estão defendendo uma verdadeira anestesia geral na região para suspender tudo o que é subsídio, crédito, preços mínimos, abertura de estradas e assim por diante. Como a ecologia é uma causa nobre, é difícil

escapar desse discurso emocional e ver os interesses escondidos atrás dessa bandeira. Mas o mito criado em cima da tragédia de Chico Mendes vem conquistando corações e mentes em todo o mundo, desde que tomou as manchetes do Natal de 1988. Com o apelo em cima do seringueiro morto, os ecologistas sequestraram a Amazônia e estão exigindo um resgate volumoso para tocar sua utopia e manter suas entidades, mesmo que a região perca o bonde da História.

A solução para o desmatamento não está na volta do homem à floresta, como querem os ecologistas, e sim em dar atenção às áreas já desmatadas. Essas áreas contam com razoável infraestrutura. Precisamos de soluções tecnológicas para ocupá-las, fornecendo insumo e outras facilidades aos agricultores, com a finalidade de ajudar a alimentar a população brasileira. Destinar a Amazônia ao extrativismo é retirar as opções de desenvolvimento para 16 milhões de pessoas que vivem na região e dificultar a vida dos 150 milhões de consumidores de borracha natural, que vão acabar sacrificados com a continuidade do extrativismo. É inegável, porém, que Chico Mendes chamou a atenção para a importância da questão ecológica na Amazônia, mas acho que o seu mito pode confundir o real destino da região. Se a anestesia geral vingar, que a conta, pelo menos, seja paga pelos países desenvolvidos.

**Alfredo Homma**, 42 anos, é pesquisador do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, no Pará, e vencedor do Prêmio Nacional de Ecologia, da Cia. Vale do Rio Doce, Ibama, CNPq e Petrobrás